

“FALA, PROFESSORA! CONTA-ME AGORA!” - O REGISTRO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM NA/DA DOCÊNCIA

“SPEAK UP, TEACHER! TELL ME NOW!” – REPORTS AS LEARNING OPPORTUNITIES

Elaine Cristina de Oliveira Nunes¹
Maria Natalina de Oliveira Farias²

Recebido para publicação em 15/07/2008

Aceito para publicação em 23/04/2009

RESUMO

Este “exercício de escrita”, apresentado em forma de reflexões sobre narrativas do trabalho docente, teve origem na própria escrita de duas professoras de escola pública, em seu trabalho com alfabetização no primeiro ciclo do ensino fundamental. Trata-se de uma teia de reflexões, em que os fios são tecidos a partir da prática docente, à medida que a experiência diária junto às crianças vai possibilitando a constituição e a formação da professora, que aprende com o conjunto de acontecimentos próprios da sala de aula. O presente artigo evidencia como o registro escrito pode se constituir um potencializador de diálogo no trabalho docente.

Palavras-chave: Registro. Formação docente. Narrativa.

ABSTRACT

This “writing exercise” which is presented in the form of reflections about narratives of teaching, originated with the writing experience of two public school teachers working with literacy-level learners at elementary education. It deals with a web of reflections in which the threads are woven from teachers’ daily experience with children. The writing exercise contributes to teachers’ education and development as they learn with the typical events that take place in the classroom. This article demonstrates how written reports can be a powerful tool for dialogue in teaching.

Keywords: Register. Teacher formation. Narrative.

¹ Professora da rede estadual de São Paulo e da rede municipal de Sumaré, SP. Pedagoga formada pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, SP. E-mail: prof_elaine@hotmail.com

² Professora da rede municipal de Hortolândia, SP. Mestre pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, SP. Participante do GEPEC - Grupo de Estudos e Educação Continuada, Faculdade de Educação, UNICAMP, SP. E-mail: natalina_farias@yahoo.com.br

Fala, Professora!

Falar é exercer uma vontade de poder: no espaço da fala, nenhuma inocência, nenhuma segurança. A escritura começa quando a fala se torna impossível... (Roland Barthes)

O presente texto surgiu de um desejo que nós, professoras da rede pública, sentimos em escrever aquilo que nos acontece (LAROSSA, 2001), aquilo que experimentamos, que encontramos ou com que nos relacionamos em nosso trabalho como professoras-alfabetizadoras. Passamos a escrever nos nossos cadernos aquilo que era recorrente no nosso cotidiano. Com o objetivo de entender o que escrevemos nesses cadernos, resolvemos compartilhar entre nós essas escritas.

Portanto, pretendemos discutir as possibilidades do registro como potencializador do diálogo no trabalho docente. Diálogo com o próprio trabalho, com a construção do fazer e saber, diálogo com as crianças, consigo mesmo, com seus pares.

O registro a que nos referimos está relacionado com a prática do professor em escrever suas reflexões, situações vividas, seus questionamentos, angústias, alegrias, textos e desenhos das crianças - prática de escrever a complexa tarefa do ofício de ser professor. E este nosso “exercício de escrita” tem por objetivo aprofundar teoricamente alguns elementos que constituíram a reflexão do/no nosso trabalho na escola pública.

Dessas escritas, escolhemos aspectos que consideramos terem sido relevantes para nossas aprendizagens como professoras-alfabetizadoras. Entendemos, porém, que poderiam ter sido escolhidos outros e mais aspectos, no entanto, neste trabalho nos exercitamos na prática de decidir e fazer escolhas, fato que também se caracterizou como aprendizagem.

Discutiremos que a escrita/registro são escritos de ações sobre o caráter do fazer pedagógico - escritos que expõem um conjunto de saberes que evidenciam uma alternância entre saber fazer e um não saber fazer; que representam em seu conjunto certos mecanismos de memórias; que mostram a presença das crianças, o diálogo com elas, como somos marcadas em nossa formação pela relação que é estabelecida em sala de aula.

Este trabalho constitui uma reflexão circunscrita ao campo da formação docente e da narrativa

a ela relacionada, com explicitação da produção de registro como modo de refletir sobre o trabalho e produzir pesquisa. Propõe-se a aprofundar a reflexão sobre alguns fragmentos/registros de professor, comumente reveladores do processo de tomada de consciência sobre si.

O “*Fala, Professora! Conta-me agora!*” exprime o lugar daquele que enuncia, marca o lugar de onde se fala: o lugar da docência. Marca o lugar de quem pronuncia, como na letra de *Anunciação*, de Alceu Valença:

*Tu vens, tu vens,
eu já escuto os teus sinais*

Ou a narratividade marcada na canção *Disparada*, de Geraldo Vandré e Theo de Barros:

*Prepare o seu coração
pras coisas que eu vou contar*

Ao enunciar, enuncio o meu lugar social, enuncio-me. Os registros de professores são narrativas de docentes contadores de suas histórias, de suas experiências, vivências, do seu mundo, de sua vida. Como bem expressam Collares, Moysés e Geraldi, (1999, p. 212-213):

O essencial das narrativas de experiências está no fato de os sujeitos assumirem os lugares de enunciadores, e estabelecerem uma relação de construção de interpretações e compreensões sobre o que lhes acontece. Assumir o lugar de onde se fala é constituir-se como sujeito, múltiplo, polifônico e único em sua própria organização narrativa.

Os registros carregam vidas relatadas, pronunciadas, carregam vidas no interior deles. É sobre e a partir dessas vidas que pretendemos olhar.

Modos de o professor registrar o seu trabalho

[...] em se tratando da escrita, a exclusão provoca um certo anonimato das ideias, dos pensamentos... um anonimato incompatível com o direito de autoria, passaporte para o mundo dos senhores das palavras, dos atores que protagonizam a cena, dos fazedores de história... (Rosaura Soligo e Guilherme do Val Toledo Prado, 2007)

O registro que o professor realiza do seu trabalho reflete o modo da organização de suas ações no pedagógico, um modo de regular (controlar) o seu trabalho, de suas interações com o conhecimento, com suas estratégias, e de sua relação com as crianças. Pode ser um reflexo de como os professores se organizam no coletivo, em seus encontros nos horários de trabalho conjunto na escola, suas parcerias, e outras situações.

É importante considerar, quando se fala em registro, que em todo sistema educacional, seja ele municipal, estadual ou na esfera privada, existem mecanismos de controle sobre o trabalho do professor. Podemos caracterizar, por exemplo, os registros no diário de classe, que é um documento oficial dos sistemas, como uma forma de estabelecer controle sobre a atuação do professor na sala de aula.

A orientação é que os professores precisam registrar os conteúdos disponibilizados em documentos oficiais e cobrados dos alunos nas avaliações externas. Seguindo uma tendência nacional, existem várias formas de “avaliar” - avaliar e controlar, na verdade, as práticas educativas. Por exemplo: a PROVA, na cidade de São Paulo, aplicada pela primeira vez no ano de 2007 pela prefeitura paulistana; em âmbito nacional, o ENEM, destinado aos estudantes do ensino médio; e o SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica. Ainda em nível nacional, acontece de dois em dois anos a PROVA BRASIL; e na área estadual, o SARESP - Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

Camargo e Mariguela (2007) recorrem a Foucault para dizer das relações de poder que perpassam o cotidiano da escola. No contexto escolar a relação de poder acontece por meio da hegemonia de discursos caracterizados como bem intencionados. Tais discursos afirmam, por exemplo, que os sistemas de avaliação são formas de garantir a evolução da qualidade da educação oferecida. Para isso, utilizam as avaliações como instrumentos, estratégias e diagnóstico, ditos precisos, no mapeamento da “saúde da educação”. Argumenta-se que, desta forma, podem apresentar soluções para os problemas detectados. Porém, a avaliação é utilizada para controlar o trabalho do professor, vinculando-a com políticas de valorização e apoio aos profissionais do ensino.

Este discurso oficial destoa da realidade cotidiana da escola e dos professores, pois se querem

fazer um diagnóstico preciso da educação, seria necessário realizar uma avaliação no início e outra no final do ano letivo. Por isso, a dúvida: se é para diagnosticar, por que os dados do SARESP de 2007 são utilizados como “política” de reajuste dos vencimentos dos profissionais do Quadro do Magistério do Estado de São Paulo?

Em paralelo a tais discursos, sabe-se que os professores produzem suas formas próprias, singulares, de registros. É comum, no início do ano letivo, organizarem seus cadernos, pastas de alunos, livros a serem trabalhados, crachás, caixas encapadas dos materiais a serem usados pelo grupo, painéis das paredes. O uso desses recursos normalmente é de interesse do professor e das crianças. Há professores que possuem um, dois, três e até mais cadernos de escrita, seja o de planejamento e desenvolvimento de suas aulas, seja o caderno de acompanhamento individual/coletivo do desempenho das crianças, caderno de encontros, dos horários de trabalho coletivo, de cursos que realizam e outras situações.

Entendemos que estão nesses cadernos as produções de seus saberes, conhecimentos, que nem sempre são valorizados, mas que são considerados pelos professores como legítimos. Existem vidas dentro deles.

No livro *Recordações da casa dos mortos*, Dostoiévsky apresenta certo indivíduo recém-chegado numa vila e que, despertando a curiosidade do narrador, assim o leva a comentar: “Da primeira vez ele quase me passou despercebido, e nem mesmo agora sei os motivos graduais que fizeram que aquela criatura tão soturna me despertasse interesse.” (DOSTOIÉVSKY, 2006, p. 15).

Ao tomar nas mãos as anotações do desconhecido, descobriu que se tratava de apontamentos sobre o presídio - “*Cenas da casa dos mortos*”. Importa-nos ver o interesse e o desejo do narrador em conhecer aquilo que lhe despertava inquietação:

Levei os papéis comigo e passei o dia inteiro a pô-los em ordem. Três quartas partes eram anotações indecifráveis ou ocasionais e folhas de cadernos de lições emendadas. Por fim peguei num caderno espesso, cheio da primeira até a página trezentos e tantos duma letra esguia. Decerto o autor não quisera ou não pudera terminar a narrativa que ali se desenvolvia, e que tratava exatamente da sua vida no presídio durante dez anos... Um mundo inteiramente novo, até então completamente

desconhecido, a singularidade de muitos fatos, determinadas observações sobre uma sociedade de decaídos, me fascinaram sobremodo, e páginas houve que me assombraram. (p. 17).

Pensamos que algo muito semelhante ocorre com a vida do professor na escola. Há muito que descobrir, o que desvendar, entender, compreender sobre o cotidiano, as miudezas, minúcias da complexidade que é a tarefa de ser do professor. A ideia é que o próprio professor seja o protagonista dessas descobertas. Querer saber o que acontece com ele, com a aprendizagem das crianças e com o lugar onde trabalha, como no relato a seguir:

Surpreendi-me com o Jhony, não faz nada nas aulas, só canta rap e tem avançado na aprendizagem, está S.A. [silábico-alfabético], achei um SHOW a capacidade e a inteligência dele... (Caderno de registros da professora Elaine – Relato de 13/08/2007).

Percebemos que neste registro a professora documenta a produção da criança e a sua prática, ou seja, um documento portador de experiências da sala de aula. Por isso consideramos importante que o material produzido pelos professores na escola seja de fato manipulado, transformado em narrativas de vida e de formação.

As narrativas possibilitam contar a si mesmo a narratividade da vida.

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1996, p. 197-198).

Pelas narrativas evidenciam-se práticas do cotidiano que explicitam a pluralidade da escola. Ressaltam que ao contarmos as nossas histórias estaremos nos preservando do esquecimento, nos permitindo contá-las de modo diferente, em virtude dos sentidos que vamos produzindo.

Josso (2004), ao tratar de experiência como possibilidade formativa, afirma que falar das próprias experiências consideradas formadoras é contar a si mesmo a própria história, um valor que se atribui ao que é vivido como um *continuum* temporal. Dessa forma, algumas vivências são sentidas de um

jeito singular, que se impõem à nossa consciência, e delas extrairemos aprendizagens, sentidos e lições. Na verdade, ao vivermos experiências que para nós foram significativas, desejamos contá-las aos outros, para que eles aprendam como nós. Nesse sentido concordamos com Varani, Ferreira e Prado (2007), quanto às duas questões teóricas que fundamentam o caráter de “contar experiências”:

- Narrar a experiência não é apostar na aprendizagem que esta me proporciona, ou que agora existe um modelo a ser adotado. O ato de contar evidencia práticas educativas que permitem reflexão sobre o próprio trabalho. Consequentemente, “inscrevem-se em um novo patamar de formação e autoformação” (p. 10).
- A experiência contada expõe o outro ao encontro, às suas verdades, portanto, possibilitando que o outro também se evidencie, apresente as suas verdades.

Acreditamos que as reflexões/ações inerentes a esse processo buscam a superação de dificuldades. O trabalho compartilhado é protagonizado pelo professor e seus pares, desencadeando, consequentemente, um movimento de autoimplicação. Queremos afirmar que o princípio da autoimplicação, discutido por Idália Sá-Chaves, compõe o cenário da formação docente. Ser/estar implicado é tomada de decisão do próprio sujeito - uma discussão presente no artigo *Escrita e leitura: pensando dimensões outras na formação docente* (2007):

É um processo construído, reelaborado ao longo de seu percurso de formação. A tomada de decisão poderá ser o resultado da influência das relações que os sujeitos estabelecem no seu contexto profissional. Poderá estar relacionada com a história de vida. Com o sistema de referência teórico-prático construído na sua trajetória de estudos, leituras e cursos. Poderá ser influência da instituição na qual trabalha. Poderá estar relacionada com todos os elementos destacados e ainda outros que possivelmente desconhecemos. (VICENTINI, et.al., 2007, p.3).

Os questionamentos que apontamos indiciam tomarmos os nossos registros e elegermos alguns aspectos que foram relevantes. Escolhemos os cadernos onde há as escritas, anotações, reflexões, apontamentos, descrições do nosso trabalho desenvolvido com as crianças em processo de alfabetiza-

ção. Consideramos relevantes para nossa formação e trabalho as seguintes escritas:

• **Escrita dedicada às ações de caráter do fazer pedagógico**

Contei a outra história – Contos de Grimm: os doze caçadores do rei. Pedi quem tivesse feito a descrição do animal em casa, que lessem pra classe. A maioria possui cachorros, e só o Jefferson falou do passarinho dele. (Caderno de registro da professora Natalina - Relato do dia 28/08/2003).

O professor, quando ousa escrever sobre o seu próprio trabalho, dedica essas escritas às ações do fazer pedagógico. São situações que pretende entender melhor, projetos desenvolvidos que precisam ter a descrição das etapas alcançadas, reflexões inerentes às atitudes tomadas, decisões no calor dos imprevistos. Um fazer que o “desaliena” do seu trabalho!

Os registros abaixo indicam esse processo de “desalienação”:

Tenho pensado como será vivido o trabalho com as crianças, agora 1ª série – alfabetização. Além do trabalho, planejar, pesquisar, conteúdos, preparo de material, registros das aulas, leituras, conciliar projetos de estudos pessoais... O que me tranquiliza é que tais atividades terão sentido, na medida em que der condições para reflexão do cotidiano da escola e da sala de aula. Todo esse arsenal de coisas, a saber /fazer, me anima e impulsiona a registrar ideias, pensar na rotina das crianças, escolher livros para contar histórias. Penso em estabelecer uma rotina, na qual eu deva considerar o aluno, histórias significativas para o grupo. Então é necessário: Que as crianças entrem em contato, com todo tipo de escrita, contato com os diversos tipos de literatura; Façam escritas espontâneas – histórias já conhecidas; e realizar os projetos Arte-identidade; (Caderno de registro da professora Natalina - Relato do dia 16/01/2003).

Percebemos nesse fragmento, escrito no início do ano letivo de 2003, as expectativas, desejos e a iniciativa de projeção do futuro. Indicam a perspectiva do professor em relação a ele mesmo, com seu trabalho, e o que deseja para as crianças. Uma escrita relacionada ao querer fazer. O outro trecho possibilita pensarmos num fazer em processo:

Cheguei arrumando os painéis produzidos pelas crianças, com ajuda do Jefferson e da Tainá. Depois contei a 1ª versão da história do chapuzinho vermelho – pelos irmãos Grimm. Percebo que mesmo com estas histórias, alguns alunos se distraem... A intenção é trabalhar alguns exercícios que envolvem pensar sobre eles. No meio da atividade houve a apresentação sobre Folclore – sobre músicas e cantigas de roda. Senti orgulho dos meus alunos. As cantigas, eles conhecem, pois a sexta-feira a cada quinze dias trabalho com eles. (Caderno de registro da professora Natalina - Relato do dia 21/08/2004).

Compreendemos que na escrita desse fragmento existe a preocupação em descrever a rotina de um dia de aula, a confirmação do ensinado. Dessa maneira, o querer fazer e o fazer em processo apresentados sugerem a possibilidade de fazer de modo diferente a cada situação vivida e reconhecida no exercício da leitura das escritas.

Implica um processo de “desalienação”, porque as ações docentes deixam de ser mecânicas, dando espaço para a reflexão da autoimplicação, da contação de histórias, e assim as ações são transformadas em narrativas de vida, de formação e de autoformação.

[...] dei somente duas atividades, que corriji na lousa; li o 3º capítulo da Alice e no fim da aula organizei as atividades nas pastas com eles, pois a reunião de pais será sexta-feira, dia 18. (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 16/05/2007).

[...] consegui, finalmente, trabalhar com o livro de L.P. [Língua Portuguesa] (alfabetização), um livro bem interessante, com atividades boas. Mas é sempre penoso trabalhar com o livro, pois eles se perdem, não conseguem acompanhar, ficam folheando outras partes, mas enfim entendo que faz parte do processo. (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 24/05/2007).

Vimos, então, a escrita dedicada a um processo contínuo de “desalienação” do próprio trabalho, porque se pretende entender a natureza dele: ensino e aprendizagem; uma escrita que apresenta os nossos quereres, aceno de possibilidades, e finalmente uma escrita voltada para um não querer, pois indica as condições nas quais o trabalho pedagógico está estruturado.

No primeiro fragmento a professora anuncia que a aula transcorreu de modo a preparar com as crianças a reunião de pais, e no outro, relata a exigência de trabalhar o livro didático. “*Enfim entendo que faz parte do processo*” - é a afirmação ou a aceitação das dificuldades no trato do fazer pedagógico, sugerindo o questionamento: o que fazemos com essas dificuldades?

• **Explicitação de alternância entre o não saber fazer e o saber fazer**

[...] Preciso aprender mais, saber mais, refletir mais, preparar mais... (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 10/04/2006)

É comum no desenvolvimento do nosso trabalho, qualquer que seja o nível de ensino ou idade em que atuemos, lidar com tranquilidade com aquilo que sabemos fazer, com o conhecimento de que temos segurança, com as estratégias que sabemos. Resultado da nossa trajetória profissional, das relações que estabelecemos com nossos pares; fruto, por conseguinte, do nosso percurso formativo.

No entanto, ao longo desse trajeto nós encontramos “o que fazemos” com “o que não sabemos fazer”. Interessa-nos investigar o que fazer com “o que sabemos fazer” e que acarreta uma reflexão; e, em contrapartida, o que fazer com “aquilo que não sabemos fazer”, contexto que possibilita outras formas de relação:

Hoje terminei as avaliações diagnósticas. Tive boas surpresas, estão quase todos alfabéticos. A Larissa e a Ana Beatriz³ são as duas crianças que realmente não sei o que fazer. (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 17/9/2007).

Tem vindo poucas crianças, o ano se vai e não consegui tirar o Thiago do SCV [silábico com valor sonoro], não consegui fazer com que o Gabriel se interessasse por nada, não consegui fazer o Mateus fazer as atividades, enfim tive muitos “não consegui” e alguns “consegui”. (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 21/11/2006).

³ As duas crianças chegaram à escola diagnosticadas como DMs (deficientes mentais).

[...] entendo a preocupação das mães, mas como alfabetizar todos eles, sem usar o ba, be, bi, bo, bu, bão? Se tivesse que usar não saberia. Não sou tão ruim, pois tenho muitas crianças que avançaram, muito, vejo isso como reflexo do meu trabalho. (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 24/10/2006).

Pelos relatos apresentados, está explícita a angústia que sentimos ao descobrir que determinadas crianças não aprendem, ou que não conseguimos ensinar. Angústia por não saber o que fazer com aquilo que não sabemos.

Queiroz (2007), em seu artigo sobre angústia e existência, argumenta que o homem não escapa da angústia. Apoiando-se em reflexões de Sartre, que afirma que “o homem é angústia” em razão da responsabilidade de escolhas. Afirma também que somos constituídos pela liberdade, e esta liberdade nos marca como sujeitos de inquietudes, portanto, portadores da angústia do existir. A angústia alimenta nossa possibilidade de continuar a ser. Desse modo, as decisões são constitutivas da angústia e fazem parte da nossa vida. Escolhas que afetam não só o indivíduo, mas a humanidade inteira.

Podemos dizer então que a angústia é uma manifestação da natureza humana. Admitir que os professores se angustiem pelos estudantes é uma das maneiras de negar discursos vinculados à culpabilização centrada na pessoa do professor, ou seja, que não consideram os inúmeros fatores que se relacionam nos diferentes aspectos da aprendizagem das crianças.

Acreditamos que não exista aquele professor que não se preocupe ou não se angustie com estudantes em processo de desenvolvimento e aprendizagem:

A mãe da Karina apareceu pra buscá-la; aproveitei pra falar que a menina fica dispersa na aula, parece não entender as orientações, e consegue realizar as atividades com ajuda dos colegas. Não entendi ainda, onde está a dificuldade da menina. Pedi que voltasse pra conversar comigo. Aliás são inúmeros pais é preciso conversar. (Caderno de registros da professora Natalina - Relato do dia 24/04/2003).

Hoje fiz três grandes agrupamentos: produtores de texto, os que possuem alguma dificuldade na escrita/leitura, e muita dificuldade... algo precisava ser feito, sobretudo com aqueles alunos em

processo de alfabetização... desse modo descobri que alguns leem dependendo da intervenção... outros estão começando a ler pequenas palavras, e outros ainda precisam ser alfabetizados, não reconhecem a letra do próprio nome. Além disso, existe a preocupação no ensino da multiplicação, e a divisão para assim avançar a maioria da classe. (Caderno de registro da Professora Natalina - Relatório do dia 12/08/2004).

Portanto, é preciso conduzir processos de formação docente nos quais o professor, ao narrar o que faz, como faz e por que faz, perceba situações em que existe alternância, o tempo todo, de saber fazer e não saber fazer. A escrita de registros é potencializadora em exprimir tais aprendizagens.

Registro: lugar de memórias

Minha alma é um bolso onde guardo minhas memórias vivas. Memórias vivas são aquelas que continuam presentes no corpo. Uma vez lembradas, o corpo ri, chora, comove-se, dança... “O que a memória amou fica eterno”. (Adélia Prado)

A narração que os registros trazem oferece a oportunidade de reconstrução da ação e permite ao professor regular tais ações. É o diálogo que o professor, por meio da leitura e da reflexão, trava consigo mesmo acerca de sua atuação em aula. Na verdade, as escritas no interior desses guardados são, antes de tudo, alguma coisa que alguém escreve de si para si mesmo: o que se conta tem sentido, sentido pleno para aquele que é ao mesmo tempo autor e principal destinatário da narração.

Fontana (1997, p. 177), nos estudos sobre o olhar para o próprio trabalho, reflete que o ato de relatar, descrever para si mesmo, é um modo de agir sobre o próprio trabalho e apropriar-se dele:

O registro, como relato para si, significa a comunicabilidade da experiência: preserva nossa memória profissional, nossos modos de constituição no cotidiano e nossa produção nesse cotidiano. É a produção de conhecimento sobre o nosso próprio trabalho e sobre o nosso ser professora. Ressignifica as relações que, mais do que manter construímos, ano a ano, com aquelas pessoas que pequenas ou crescidas, parecidas, mas, irrepetíveis, compartilham conosco a relação de ensino.

Uma experiência de interlocução. Ouvir as vozes na perspectiva do outro e perceber que nossa formação é constitutiva da relação que se trava com esse outro. Uma experiência supostamente solitária. Escrever favorece um processo de reflexão sobre o próprio trabalho e tece um processo de apropriação de um retalho da história. História que se faz é tomar nosso lugar social. Lugar institucional:

A história de cada indivíduo começa onde começam suas recordações; a de um grupo social começa quando pode deixar rastros gráficos das suas experiências, dos seus atos de comunicação, dos seus pedidos ou desejos. (LANDSMANN, 1995, apud ZIBETTI, 2005).

Segundo Fujikawa (2003), os registros são portadores de histórias - histórias das práticas, dos equívocos, dos acertos, e das teorias que as fundamentam, mesmo que não estejam explicitadas, pois o registro possibilita este olhar para o que está por detrás das práticas. Histórias de um tempo e de um espaço vividos podem permitir a análise do que foi registrado; permitem, também, um distanciamento do autor em relação a sua “obra”.

O registro documenta, traduz aquilo que se faz (ou que se pensa que se faz). Neste processo, o professor é o protagonista de sua ação na prática pedagógica. Assume, portanto, a autoria daquilo que faz, de suas escolhas e opções, avaliando as decisões tomadas ao longo de seu percurso profissional.

Caberia aqui uma referência ao conto de Gabriel García Márquez (1998)⁴, *O afogado mais lindo do mundo*. Nessa narrativa, as mulheres da ilha, ao cuidarem de um afogado, despertaram a imaginação, de modo a dar sentido às suas vidas de monotonia, e no exercício de rememorar a própria história provocam transformações na vida das mulheres e dos homens do povoado. Depois da presença do afogado, a ilha nunca mais foi a mesma. O afogado fazia tanto as mulheres quanto os homens verem o que eram. Notaram que carregava a morte com um certo orgulho, pois não tinha o semblante solitário dos outros afogados do mar, tampouco a aparência indigente dos afogados dos rios. Ao limpá-lo, tiveram consciência da classe de homens que eram, e então ficaram sem respiração.

⁴ MÁRQUEZ, Gabriel García. O afogado mais lindo do mundo. In: *A incrível e triste história da cãndida Erêndira e sua avó desalmada*. 14. ed. São Paulo: Record, 1998.

Ao se contar a história registrando as aulas, registra-se um lugar da memória.

Ao escrever nosso trabalho, com exercício de ler, percebemos que a sala de aula se caracteriza como o espaço da velocidade de situações e decisões em que não há tempo para o professor pensar sobre qual decisão tomar, sobre qual opção metodológica utilizar para cada tipo de ocorrência. A dinâmica é veloz e complexa. A escrita dessa dinâmica se circunscreve na ação do professor em assumir um caráter investigativo de sua prática.

Quando podem se efetivar essas escritas? Um fragmento da dissertação de Farias (2006, p. 47) aponta a necessidade de escrever e as condições nas quais isso era realizado:

Escrevia normalmente depois das aulas, no mesmo dia, aproveitando a memória recente das situações e dos detalhes. O arquivo real de textos, desenhos espontâneos e dirigidos das crianças, atividades propostas, as pautas das reuniões, bilhetes colados de outras professoras e o registro das aulas: apontamentos, descrições e reflexões das aulas. O que significava para o meu trabalho essa escrita?

Esse registro possibilita um diálogo com o trabalho feito no dia. Fazer memória e reviver novamente o trabalho e, revivendo, trazer à tona o estranhamento. Perceber-se estranho em algumas situações permite que no dia seguinte aconteçam possíveis relações e a retomada do trabalho com o grupo.

Assim, convém ressaltar que “as lembranças não estão, portanto, estáticas, tampouco ficam armazenadas como memória pronta e acabadas. O ato de rememorar é dinâmico, assim como o conteúdo da memória que sempre se renova, principalmente se estimulado.” (REGO, 2003, p. 350).

As crianças foram estímulos da memória: vendo a criança que fomos para fazer diferencial em relação à criança de hoje, que está ali, estabelecendo uma relação dialética com a professora, tal qual afirmava Paulo Freire. Nesse aspecto encontramos um fragmento que traz a referência da memória explicitada em processos de singularização:

A professora tem se confundido com a aluna de outrora. Assim tem sido o balanço da minha memória, as coisas voltam para a 1ª série dos meus 7 anos. Lembro do 1º dia de aula, lembro dos colegas e das colegas, lembro da professora,

lembro do uso do caderno e como a professora ensinava sobre o uso dele. Lembro de tantas coisas... e então sinto uma profunda compaixão pelos meus 35 alunos, até quando o Thulio me tira do sério e vou ficar brava com ele, lembro-me de como a professora ficava brava e então posso/ consigo me conter, olhando para a carinha ruiva do Thulio.

Não sei por que estas lembranças me voltam com tanta força, já têm 10 anos que sou professora e isto nunca aconteceu. Acho que é porque alfabetizo pela 1ª vez e esta etapa da minha vida ficou muito marcada. (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 10/3/2006).

Pedindo licença a Adélia Prado, ousamos dizer que o que a memória não amou também ficou eterno, pois a professora da primeira série tinha posturas severas, de uma rigidez não necessária com crianças de sete anos, e é isto que porta o registro, uma negação daquela professora da primeira série. Esta memória, recôndita, traz o significado da escola e da professora na aluna de outrora, além de carregar as experiências vivenciadas e marcadas daquele tempo.

• As crianças nos relatos escritos

O Thor Kaell anda meio triste... acho que é a morte do pai. (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 14/09/2007).

Dar voz às crianças é essencial no trabalho docente, pois são elas o próprio sujeito da ação educativa. Como narrar ou registrar o trabalho da sala de aula sem dizer da participação das crianças? Contar do que contaram, do riso das histórias lidas, dos comentários e das aprendizagens que trazem para nós professoras.

Achei maior graça. A Fernanda havia dito que aprendeu a ler, e uma das histórias foi “A casa sonolenta”. Trouxe o livro pra ela.... pedi que contasse a história pra classe... Ela me imitava, andando pela sala. E usou o mesmo método. Contou, e depois mostrou as figuras. O silêncio reinava na classe. (Caderno de registro da professora Natalina - Relato do dia 18/03/2003).

Esta relação e interlocução se constituem num espaço rico de formação, pois é daí que se aprende

com a criança, que é possível chegar mais perto dela, construindo e reconstruindo, em parceria com a criança, o fazer e o saber docente. Assim, encontramos e selecionamos fragmentos generosos, que dão vez e voz às crianças.

O Vagner trouxe 'transformes' e pude entender um pouco mais do mundo e da cultura destas crianças. Durante o filme o Vagner foi me explicando tudo sentado ao meu lado. A princípio julguei ser um filme muito violento, mas não é tão pesado para quem já assistiu Tropa de Elite, que é o caso deles... (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 7/12/2007).

A Eduarda espantou todos os males da sala, com o incrível humor dela, com a risadona gostosa, até o Daniel, tão quietinho, entrou nas farras dela, deixei, pois até eu brinquei com eles. (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 24/10/2007).

A Maria Fernanda chegou 9:00 h da manhã, ficou sozinha na rua, pois o tio não foi buscá-la para levar à escola, ela saiu sozinha, não conseguia fechar o portão, pediu ajuda e uma mulher fechou o portão e a trouxe. Fiquei penalizada com a situação; como pode uma criança de 7 anos passar por tudo isso. Os pais se separaram recentemente e a situação ficou difícil. (Caderno de registros da professora Elaine - Relato do dia 5/9/2007).

A professora aprende, ri e chora, afinal é ser humano aprendendo a aprender com outro ser humano; e dá novo significado a cada palavra, ação e experiência contada pela criança numa autêntica relação dialética.

As escolhas das categorias analisadas expressaram o que atribuímos de sentido naquilo que escrevemos nos cadernos mencionados. Do que passamos e experimentamos na sala de aula foram guardados pedaços, estilhaços selecionados por nossa memória. Compuseram o cenário de aspectos aprendidos ao longo do exercício profissional, mas não somente. Podemos dizer das relações que realizamos no aqui e agora.

Que esta conversa se estenda...

Escrever este artigo favoreceu o exercício da escrita, e dela extraímos a experiência de olhar para

nosso trabalho. Um olhar que foi ressignificado. Um exercício de "percurso de autoria".

Podemos dizer que é possível ao docente ultrapassar os limites das paredes da sala de aula, e ousar. Ousar nas práticas, nas reflexões e, principalmente, ousar a escrever o que faz.

É possível dizer que construímos saberes e conhecimentos, e que às vezes não os entendemos como saberes e conhecimentos.

Permitimo-nos afirmar que a escrita deste texto possibilitou uma militância em nosso campo de trabalho. Portanto, que esta conversa se estenda aos colegas professores e professoras. E assim, acreditando que escrever é preciso, não colocamos ponto final, mas entendemos que:

*Na folha lisa e escorreita
O lápis afiado e perfidador
Elabora percursos mansos
Em sinuosas ruas que se espraiam,*

*Escrever é desagrilhoar
O pó da memória em vão acumulado
E gritar
E dizer alto,
Que revolta nos acomoda o peito,
Que afago nos acaricia a alma,*

*Escrever é arrojando o futuro
Ao alcance de um artigo,
De um pronome,
De um verbo
Verbo é "criar"
O início de tudo,
A sedição,
A ociosidade das palavras
Tresfolgo a escrita
De um trago,
Acre, por vezes, Libertador, sempre...*

Filipe Lamas

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** obras escolhidas. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli; MARIGUELA, Márcio (Orgs). **Cotidiano escolar:** emergência e invenção. Piracicaba, SP: Jacintha Editores, 2007.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Afonso; GERALDI, João Wanderley. Educação continuada: a política da descontinuidade. **Revista Educação & Sociedade**. n.68. dez. 1999.

DOSTOIÉVSKY. **Recordações da casa dos mortos**. Tradução: José Geraldo Vieira. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FARIAS, Maria Natalina de Oliveira. **Travessia da prática docente: paisagens que constituíram a formação e o trabalho numa escola de ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Como nos tornamos professoras?** Aspectos da constituição do sujeito como profissional da educação. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997.

FUJIKAWA, Mônica Matie. **O registro como pretexto e como objeto de reflexão da prática pedagógica: um exercício de parceria entre coordenadora e professores**. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Prefácio: Antonio Nóvoa. Tradução: José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LAROSSA, Jorge. **Nota sobre a experiência e o saber da experiência**. Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/ Fumec, Campinas, SP, jul. 2001.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Barichelo Cunha (Orgs). **Percursos de autoria: exercícios pesquisa**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

REGO, Tereza Cristina. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

QUEIROZ, José Sólon Cerqueira. **Angústia e existência**. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0343.pdf>> Acesso em: 22 jan. 2008.

VARANI, Adriana; FERREIRA, Cláudia Roberta; PRADO, Guilherme do Val Toledo. (Orgs). **Narrativas docentes: trajetórias de trabalhos pedagógicos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

VICENTINI, Adriana Alves Fernandes (et.al.). **Escrita e leitura: pensando dimensões outras na formação docente**. Secretaria Municipal de Ensino de Hortolândia, SP, 2007. No prelo.

ZIBETTI, Marli L.T. Escrita de professoras: estratégia de formação e instrumento de valorização profissional. In: PRADO, Guilherme do Val T.; SOLIGO, Rosaura (Orgs). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005.